

Arma de persuasão

O fracasso das sanções na tentativa de enfraquecer ditaduras

Usada como alternativa à guerra, política não tem dado resultado, apontam pesquisadores da Johns Hopkins em novo livro

CAROLINA MARINS

País que é alvo de mais sanções no mundo, a Rússia registrou em 2023 o crescimento de seu PIB, tendência que deve se manter em 2024. O Irã, segundo no ranking das sanções, nunca esteve tão perto de obter uma bomba nuclear. Na Venezuela, mais uma vez candidatos competitivos são impedidos de concorrer nas eleições deste ano. A Coreia do Norte testa mísseis intercontinentais como se não houvesse amanhã.

Todos esses países têm em comum o poder crescente de seus líderes, enquanto a população fica cada vez mais pobre. O cenário está no livro *How sanctions work: Iran and the impact of economic warfare* ("Como as sanções funcionam: Irã e o impacto da guerra econômica"), lançado em fevereiro por pesquisadores da Universidade Johns Hopkins.

A publicação é um estudo de caso sobre o Irã, mas também joga luz sobre o impacto das sanções em outros países. Interpretada pelos autores como uma forma de guerra, as sanções são utilizadas largamente pelos EUA, Europa e ONU para pressionar países a mudar algum comportamento.

"Sanções funcionam de duas formas: em tese, elas devem ser tão duras a ponto de forçar uma mudança de comportamento por parte do governo para que ele recue; ou elas exercem uma pressão tão grande sobre a sociedade a ponto de ela se rebelar e forçar uma mudança de comportamento no Estado", explica Narges Bajoghli, antropóloga e uma das autoras do livro, em conjunto com Vali Nasr, Djavad Salehi-Isfahani e Ali Vaez.

"O que descobrimos é que, nestes casos, a repressão é mais forte, porque o Estado punido se vê em uma guerra

econômica com o Estado que pune. O que nos leva à grande resposta sobre como as sanções funcionam é que, na verdade, elas são uma outra forma de guerra."

Segundo relatório de 2021 do Departamento de Tesouro dos EUA, o número de sanções aplicadas pelo país desde 2001 aumentou em mais de 900%. "Após os ataques de 11 de setembro de 2001, as sanções tornaram-se um instrumento para enfrentar ameaças à segurança nacional, à política externa e à economia dos EUA", afirma o relatório.

AMEAÇAS. Embora o documento aponte a eficácia das sanções para "dissuadir e prevenir ações que comprometam a segurança nacional dos EUA", ele também observa que há desafios, entre eles cibercriminosos, concorrentes econômicos estratégicos e impactos financeiros no mercado global.

De acordo com Bajoghli, as sanções têm determinados impactos, só não aqueles para os quais elas são elaboradas. "As sanções aumentam de forma astronômica a riqueza dos que estão no poder e dos que estão alinhados à elite militar e política, mas empobrecem o restante da sociedade." Essa riqueza se dá justamente porque uma política indiscriminada de sanções dá margem à corrupção.

Antes da invasão da Rússia à Ucrânia, o Irã era o país com mais sanções do mundo, especialmente após o ex-presidente Donald Trump romper o acordo nuclear que levantara algumas sanções em troca de restrições ao enriquecimento de urânio.

A quantidade de sanções e o tempo – o Irã está sob sanções desde a revolução islâmica de 1979 – fizeram do país um excelente estudo de caso, explica Bajoghli, para observar os impactos econômicos, políticos e sociais. O regime é alvo de sanções dos EUA, da ONU e da Europa.

Em 2015, a assinatura do acordo nuclear com o Irã foi apontada pelos EUA como exemplo de como as sanções têm poder de fazer inimigos sentarem à mesa de negociação. Mas os próprios americanos romperam o pacto, sob



Putin e o presidente do Irã, Ebrahim Raisi: aliança de interesses

Avanço

3,6%

creceu a economia da Rússia em 2023. Segundo o FMI, a estimativa é que o PIB russo cresça mais 2,6%, em 2024, puxado pelo aumento dos gastos em defesa e pela alta do preço do petróleo

"Os países aprenderam que, uma vez alvo de sanções dos EUA, a probabilidade de permanecerem punidos por um longo tempo é alta. Assim, países como Irã, Rússia e outros buscam maneiras de tornar a si mesmos imunes às sanções americanas"

Narges Bajoghli

Coautora do livro 'How sanctions work: Iran and the impact of economic warfare'

Trump, que impôs um número nunca antes visto de sanções a um único país. As tentativas de retomar o acordo não avançaram com Joe Biden.

Em fevereiro, a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) publicou um relatório em que revelou que o Irã tem material suficiente para fabricar diversas bombas atômicas e continua ampliando seu programa nuclear. Além disso, o regime não dá sinais de enfraquecimento, mesmo depois dos protestos em decorrência da morte de Masha Amini.

"Os líderes do Irã procuram atenuar o impacto das sanções por meio do desenvolvimento do que o líder supremo, Ali Khamenei, chama de economia de resistência", disse um relatório do Congresso americano, publicado em julho de 2023.

"As sanções dos EUA podem criar incentivos para o Irã expandir ainda mais os laços econômicos e militares com China e Rússia. A China continua sendo uma grande compradora de petróleo iraniano, e a Rússia ajuda o Irã a evitar as sanções", conclui.

Um relatório de 2019 da Human Rights Watch (HRW) apontou que as sanções não só haviam piorado a situação econômica da população iraniana, mas também estavam restringindo o acesso à saúde. Embora a política de sanções abra exceções para comércio de bens humanitários, o relatório aponta que o receio das empresas em negociar com um país impediu de levar a comércio adiante.

"As sanções deixam os iranianos com doenças raras incapazes de obter medicamentos e tratamento", disse Sarah Leah Whitson, então diretora para Oriente Médio da HRW.

PUTIN. O Irã perdeu o posto de líder mundial em sanções quando Vladimir Putin invadiu a Ucrânia. A partir daí, o próprio Putin, bem como seus amigos, parceiros comerciais e oligarcas foram duramente punidos. A própria Rússia foi banida do Swift, o sistema financeiro internacional.

Junto com UE, Reino Unido, Austrália, Canadá e Japão, os EUA impuseram mais de 16 mil sanções contra a Rússia e cidadãos russos, ante menos de 3 mil antes da guerra. O número aumentou após a morte do opositor Alexei Navalni.

Entre as sanções estão a proibição para vender tecnologia de guerra, de comércio de ouro e diamantes, fim de voos para a Rússia, banimento das importações de petróleo e gás russo – esta última com custos à Europa. "Temos crescido, e eles têm caído. Todos eles têm problemas que nem sequer são comparáveis aos nossos", afirmou Putin, em um evento dias antes do segundo aniversário da guerra, citando os países ocidentais. De fato, apesar de todos os esforços, a Rússia tem sido capaz de driblar as sanções.

Segundo o FMI, a economia russa cresceu 3,6%, em 2023, e é projetada para crescer mais 2,6%, em 2024, puxada pelo aumento dos gastos